

AVALIAÇÃO FORMATIVA: ESTUDO DA COAVALIAÇÃO NO ENSINO MÉDIO E SUPERIOR

Adriana Célia ALVES

(Universidade Federal de Uberlândia)

c4.adriana@gmail.com

Maria Inês Vasconcelos FELICE

(Universidade Federal de Uberlândia)

minesfelice@gmail.com

RESUMO: Trataremos, neste estudo, de um tipo de avaliação formativa, a avaliação dos pares ou coavaliação: avaliação em que um grupo de alunos atribui notas aos colegas de uma mesma sala. Investigaremos as crenças e representações que os alunos dos ensinos Superior e Médio têm perante esse tipo de avaliação, dando continuidade a uma pesquisa anterior sobre avaliação dos pares. Busca-se nessa nova proposta de pesquisa um aprofundamento do assunto, que tentará entender as resistências encontradas no Ensino Superior a esse tipo de avaliação alternativa, inserida na avaliação formativa, conforme dados de pesquisa anterior. Este estudo apresenta dados iniciais de uma sondagem no Ensino Médio.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação formativa; coavaliação/avaliação dos pares; crenças e representações.

RÉSUMÉ: Nous parlerons, dans cette étude, d'un type d'évaluation formative, l'évaluation des pairs ou co-évaluation: évaluation par laquelle un groupe d'étudiants donne des notes aux camarades d'une même classe. On recherchera les croyances et les représentations que les étudiants de l'enseignement Supérieur et les élèves de l'enseignement Moyen ont devant ce type d'évaluation, suite à une recherche antérieure sur l'évaluation des pairs. On veut, dans ce nouveau projet de recherche, un approfondissement du sujet, qui envisage comprendre les résistances trouvées dans l'enseignement Supérieur à ce type d'évaluation alternative, insérée dans l'évaluation formative, selon les données obtenues dans une recherche antérieure. Cette étude présente des données initiales d'une enquête à l'enseignement moyen.

MOTS-CLÉS: évaluation formative; co-évaluation/évaluation des pairs; croyances et représentations.

Introdução

Este relato é parte de uma apresentação de sessão coordenada, ocorrida no InPLA/2011, intitulada "Avaliações alternativas na formação de professores de línguas". Este estudo é resultante de um projeto de iniciação científica, com bolsa Pibic/CNPq/UFU-2011, porém, é continuação de uma primeira pesquisa de iniciação científica intitulada "A Avaliação dos Pares", desenvolvida por uma das autoras na Universidade Federal de Uberlândia, também financiada pelo CNPq/Fapemig/UFU, e orientada pela Prof^a Dr^a Maria Inês Vasconcelos Felice (2006), ancorada em seu projeto "O processo de avaliação formativa no curso de Letras".

De acordo com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1997, a avaliação deve ocorrer "contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno" (BRASIL, 1997: 81). E, ainda, considerar os seguintes aspectos: "A avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os aspectos quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre as eventuais provas finais" (BRASIL, 1997, art. 24, V).

Baseando-nos nessas concepções de educação em que está inserido o contexto brasileiro, constatamos, nestes anos de pesquisa, que o tema "avaliação" ainda é pouco estudado no âmbito da Linguística Aplicada. Contudo, ela está sempre presente no cotidiano do ensino-aprendizagem. Investigam-se novas metodologias de ensino, porém, ainda se encontram atos classificatórios e punitivos fazendo parte da avaliação, o que a desvia de seu objetivo principal: a aprendizagem. Por isso, há necessidade de uma reformulação na avaliação para que ela corresponda aos valores vigentes de ensino-aprendizagem: criticidade, autonomia, reflexão, regulação da própria aprendizagem, aprendizagem através do erro.

1. Fundamentação teórica

Para discutir a avaliação, partimos de uma concepção de avaliação formativa, que visa ao processo de aprendizagem e não ao produto final (nota), contribuindo para que sujeito avaliado e sujeito avaliador tomem consciência de seu próprio desenvolvimento (RIOS, 2005-2006). Segundo Perrenoud (1999), avaliação formativa é toda prática de

avaliação contínua que pretende contribuir para melhorar as aprendizagens em curso, para garantir a regulação das aprendizagens.

O conceito de avaliação formativa se opõe à avaliação somativa, enfatizando a importância do processo e não do produto... A interatividade constitui um dos pontos mais importantes da avaliação formativa que, permeada pelo diálogo, é antes um processo de humanização e contribui para que o sujeito avaliado torne-se consciente do seu próprio desenvolvimento, desencadeando a motivação intrínseca, isenta de possíveis recompensas ou punições. (RIOS, 2005-2006: 1)

A avaliação dos pares tem sido apontada como um bom indicador do futuro desempenho profissional, sendo considerada consistente e confiável, fornecendo informações que não poderiam ser medidas pelos métodos tradicionais. De forma complementar, a auto-avaliação também contribui para o processo de aprendizagem contínua, pois auxilia os alunos a identificarem seus pontos fortes e fracos. (DOMINGUES et al., 2007: 1)

Assim, com a necessidade de buscar mais informações sobre os processos avaliativos e pensar em atos que visem a atender os PCNs e a LDB, trataremos neste estudo de um tipo de avaliação formativa, a avaliação dos pares, ou coavaliação: avaliação em que um grupo de alunos atribui notas aos colegas de uma mesma sala.

Foram feitos levantamentos bibliográficos de autores que discutem o tema avaliação, como Celso Vasconcelos (2006), Juan Manuel Alvarez Mendes (2002), Jussara Hoffman (2001), Philippe Perrenoud (1999), entre outros. O que se pode perceber é que a discussão nesse âmbito é recente, e alguns autores comentam o assunto de forma consistente, porém, quando tratamos especificamente da "avaliação dos pares" (o aluno avaliar seu colega de sala), encontramos alguns entraves: poucos são os materiais teóricos disponíveis e muito pouco se tem discutido sobre o assunto no meio acadêmico, principalmente em cursos de formação de professores, durante os quais essa prática se faz necessária. Encontramos o tema mais abordado na formação de profissionais da área da saúde, como em Chammings et al. (2008) e Domingues et al. (2007).

Nesse novo paradigma da pós-modernidade, no qual se buscam firmar algumas teorias que deem conta do contexto vigente, pretendemos construir uma proposta de avaliação formativa dos pares de acordo com os dados obtidos, com o intuito de desenvolver a

autonomia e, ainda, desmistificar algumas representações que desviam a avaliação do seu ato formador, tornando-a excludente. Desse modo, este estudo visa a promover reflexões que levem a uma proposta de coavaliação formativa que melhor contribua para o ensino-aprendizagem.

2. Metodologia

Investigaremos as representações que os alunos dos ensinos Superior e Médio têm perante esse tipo de avaliação. Procuramos responder os seguintes questionamentos:

- Como se processa a interação dos pares nos diferentes campos?
- Qual o papel do professor nessa atividade avaliativa?
- Qual é a melhor forma de desenvolver a avaliação dos pares?

Analisamos entrevistas, questionários, observamos relatos e impressões, contrastando as diferentes opiniões dos estudantes dos ensinos Médio e Superior sobre a avaliação dos pares.

Para isso, utilizamos para esta pesquisa os fundamentos da pesquisa qualitativa, em especial a de abordagem interpretativista, de tipo etnográfico, usando seus princípios para coletar e entender os dados obtidos em determinado contexto sociocultural, por meio dos seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, questionários com questões abertas e fechadas e, ainda, relatos de experiências de avaliação vividas.

Como afirma Alderson (1986), a dimensão quantitativa da pesquisa em avaliação geralmente é bem compreendida e talvez seja o paradigma mais comum da metodologia de avaliação, sobretudo quando a pesquisa em avaliação se refere a dados que podem ser generalizados. Quando se está mais interessado em relatar eventos particulares, entretanto, a dimensão qualitativa se mostra mais apropriada. Nesse caso, os questionários e outros instrumentos, como as entrevistas com indivíduos ou grupos, e os relatos de experiências poderão apresentar dados e variáveis que não haviam sido previamente imaginados.

Não visamos estabelecer uma comparação entre Ensino Superior e Ensino Médio, mas, sim, fazer um levantamento das representações sobre a coavaliação em âmbitos diferentes. Apresentamos, a seguir, partes das considerações, pois a pesquisa ainda está em desenvolvimento.

3. Alguns resultados da primeira pesquisa

Apresentamos na Figura 1, apenas como exemplificação, alguns dos resultados obtidos na pesquisa já concluída e que deu origem a este novo projeto, ora desenhado, acerca das opiniões dos discentes do Ensino Superior sobre a coavaliação.

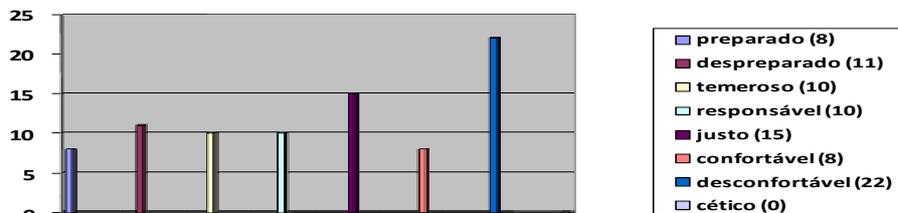


Figura 1. O que você sentiu/sentiria avaliando seu colega?
Fonte: Pesquisa PIBIC/CNPq/UFU 2009/2010.

Percebemos, de maneira geral, que os alunos se sentem desconfortáveis (22) para avaliar o colega, mesmo a avaliação fazendo parte de nosso cotidiano, quando se torna sistematizado, ou seja, quando ela é transformada em nota, temos dificuldade para executar a atividade. Além disso, alguns se sentem despreparados (11) para avaliar os colegas, contudo, os alunos acreditam que, quando professores em exercício, estarão aptos a avaliar. Outros afirmam proceder de maneira justa, perante a atividade, assim, quando falamos de avaliação, sabemos que para a atribuição de nota devemos ser imparciais, não levando em consideração questões pessoais, porém, a coavaliação parece gerar esse receio, o que não deixa de ser contraditório, visto que o desconforto poderia ser gerado pelo temor da injustiça. Percebe-se, nesse caso, que teria sido interessante ter distinguido os que realmente passaram pela experiência de avaliar os colegas daqueles que apenas imaginam como seria sua reação. Os questionários que serão utilizados na nova pesquisa, portanto, devem trazer essa distinção, tendo em vista que, ao vivenciar a avaliação dos pares, podem, eventualmente, ter outra opinião.

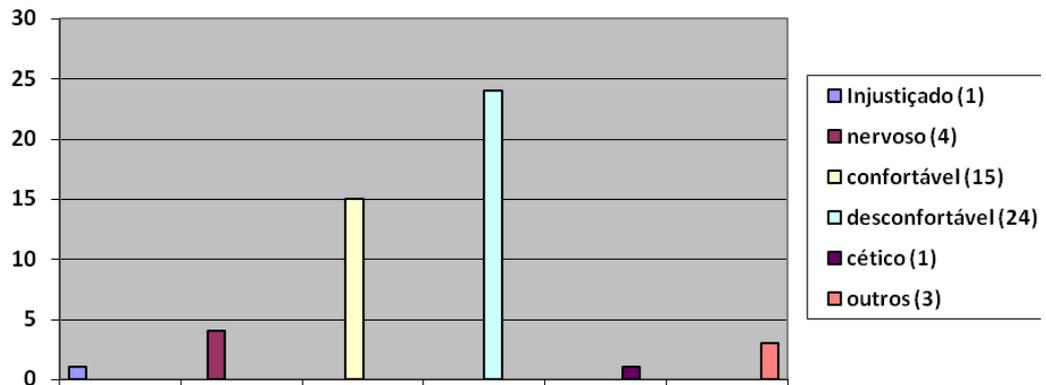


Figura 2. O que você sentiu/sentiria sendo avaliado pelo seu colega?
Fonte: Pesquisa PIBIC/CNPq/UFU 2009/2010.

Aqui, comprovamos um bloqueio em relação à coavaliação: os discentes não se sentem à vontade para receber a nota de um colega. Percebemos que o lado socioafetivo ainda se encontra arraigado nesse tipo de atividade e/ou os colegas não acreditam na competência dos companheiros para avaliar. Por isso, o contato com o processo avaliativo durante a formação é de extrema importância, já que a familiarização pode deixar os alunos mais à vontade perante a atividade, além de ser uma experiência para o futuro professor.

Assim como no primeiro caso, sentimos falta de ter feito uma distinção entre os que vivenciaram a experiência e aqueles que apenas pressupõem seus sentimentos relativamente à avaliação dos pares.

3.1. Dificuldades possíveis ao fazer a avaliação dos pares

- resistência dos alunos em fazer a avaliação dos pares
*"eu preferia ficar neutra com o meu colega, acho que ele não entenderia."*¹
"é mais difícil avaliar os outros, do que quando a gente se auto-avalia."

Essa resistência tem ligação com os relacionamentos com os colegas. O receio de que o colega não "entenda" sua avaliação nos leva a crer que, muitas vezes, por falta de uma discussão em grupo, com o estabelecimento de critérios decididos em conjunto, os alunos se sintam

¹ Opiniões dos discentes do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, dados extraídos da pesquisa de iniciação científica "A avaliação dos pares" - Pibic/Cnpq/UFU - 2009/2010.

realmente inseguros para fazer a coavaliação. Quando os critérios são discutidos e estabelecidos em conjunto, os aprendizes sabem exatamente quais são os pontos que serão avaliados e que esses critérios também são os mesmos para o coavaliador, o que levaria a uma segurança maior tanto para avaliar quanto para ser avaliado pelo colega.

- muitos não são capazes de desvincular a nota do lado socioafetivo

"teve gente que levou na brincadeira, pois são amigas."

"creio que somente o professor é capaz de avaliar sem considerar questões pessoais."

O grupo precisa desvincular o lado socioafetivo das relações interpessoais e a avaliação e reconhecer, sobretudo, que, como professor em formação, ele deve aprender a avaliar. Como são vários colegas a dar uma nota, muitas vezes a nota daquele coavaliador que não levou tão a sério a tarefa acaba não tendo tanta importância na nota final. Mesmo assim, é necessário que o professor perceba e rediscuta com essa pessoa se ela levou em conta os critérios estabelecidos e aprovados pelo grupo.

- falta de conhecimento teórico

"avaliar é uma questão subjetiva, e cabe a uma pessoa que tem experiência fazer. Eu não quero ser cobaia de ninguém."

O grupo só deve passar a coavaliar quando o professor já tiver dado algumas informações teóricas sobre a avaliação e discutido com os alunos os critérios, lembrando a esses alunos mais resistentes que, ao entrar no mercado de trabalho, o professor recém-formado também não tem experiência. Se não houver esse cuidado durante o curso de Licenciatura, o que acontecerá é que o novo professor passará a repetir velhas práticas avaliativas, baseando-se nos modelos vivenciados por ele ao longo de sua vida escolar. Dessa forma, as cobaias serão seus alunos, pois ele não aprendeu a avaliar.

- falta de contato com o processo avaliativo

"eu me senti péssimo, como eu vou ser avaliado por uma pessoa que tem o mesmo nível de conhecimento que eu?"

O professor deve destacar para o grupo, durante as discussões sobre a avaliação e o estabelecimento dos critérios, que não se trata de

ter maior ou menor conhecimento sobre o conteúdo da disciplina, mas, sim, sobre o ato de avaliar, fundamentando-se nos objetivos da disciplina e nos critérios estabelecidos por eles mesmos.

- visão do professor como único detentor do conhecimento
"eu acho que só o professor é capaz de avaliar, porque o aluno ainda está em processo de formação."

O professor deve insistir com os aprendizes que é justamente por estarem em formação que devem aprender a estabelecer critérios e a avaliar com isenção, para evitar a repetição de velhas práticas avaliativas.

3.2. Contribuições possíveis da prática avaliativa dos pares

- ajuda melhorar no desempenho enquanto discente
"você pode ver um pouco dos seus defeitos e te ajuda a melhorar como pessoa."
"é necessário avaliar para que os colegas saibam onde estão errando e atuar para que possam melhorar sua atitude em relação a matéria."

- ajuda a perceber o erro para tentar melhorar
"é bacana ser avaliado e rever seus conceitos e dos seus colegas que às vezes convivem mais com você que seu professor e podem falar o que você poderia melhorar."
"é sempre necessário avaliar os colegas, porque isso pode ajudá-los a rever certas atitudes e tentar melhorar."

- aquisição de experiência profissional
"enquanto professores, nós temos que passar por um momento de avaliação, então, eu acho que tanto a auto-avaliação quanto a avaliação dos outros já é um começo pra gente saber como avaliar."
"para termos uma noção de como será quando formos avaliar nossos alunos."

Pudemos observar, nesses excertos, posições bem distintas a respeito do tema. Comprovamos a existência de muitos mitos ainda arraigados, como a ideia de que avaliar é da competência do trabalho do professor, e, ainda, a crença de que, por estarem em um mesmo nível, não são capazes de avaliar. Contudo, alguns professores ainda em formação, mas já exercendo a função, acreditam ser capazes de avaliar.

De acordo com o questionário, a maioria se sente preparada para avaliar seu aluno, apesar do desconforto de avaliar o colega.

4. Uma primeira sondagem ambientada no Ensino Médio²

Foi proposta uma avaliação dos pares em uma sala do 1º ano do Ensino Médio, a título de experiência, para verificar se os alunos desse nível estariam aptos para avaliar seus colegas e quais são suas opiniões sobre a atividade.

Primeiramente, os alunos elaboraram uma redação em dupla com um tema proposto pela professora; depois, trocaram os textos e cada dupla corrigiu o texto de outra dupla. A atividade foi bem recebida pelos alunos, que se entusiasmaram com a tarefa e tiveram bastante facilidade em executá-la. A professora, inclusive, percebeu que os textos dos outros grupos foram atenciosamente lidos e analisados. Em alguns casos, quando de posse de um texto bem elaborado de um grupo, a dupla se questionava por que não havia tido semelhante iniciativa, ou seja, por que haviam elaborado tão mal seu próprio texto.

A seguir, a professora propôs os questionamentos apresentados nas figuras 3 e 4.

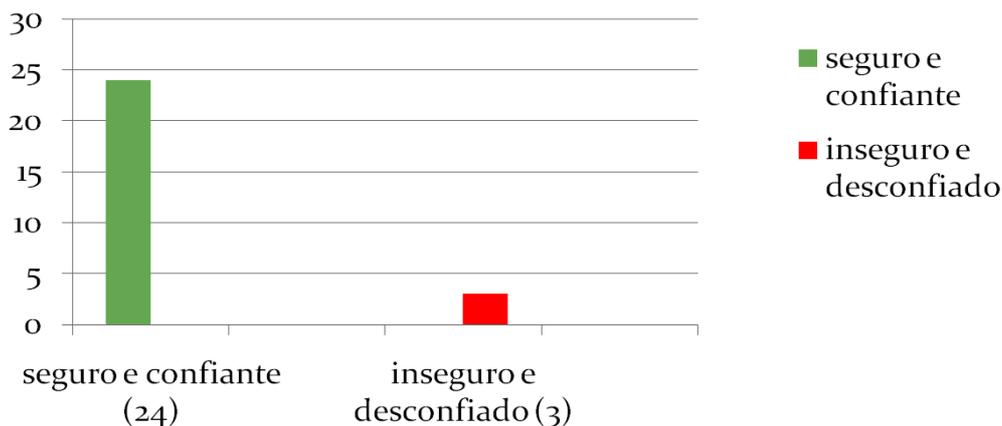


Figura 3. Como você se sentiu avaliando um colega?

Fonte: Pesquisa PIBIC/CNPq/UFU 2009/2010.

A atividade foi bem recebida pelos alunos, que se entusiasmaram com a tarefa e tiveram bastante facilidade para executá-la: *foi bom*

² Utilizamos os dados colhidos por uma colega mestranda, participante do Grupo de Estudos sobre Avaliação (GEAVALIAR), a quem agradecemos por disponibilizá-los, a fim de que pudéssemos ter uma primeira sondagem sobre o Ensino Médio.

experimental esse tipo de avaliação. A professora, inclusive, percebeu que os textos dos outros grupos foram atenciosamente lidos e analisados. Em alguns casos, quando de posse de um texto bem elaborado por um grupo, a dupla se questionava por que não havia tido semelhante iniciativa, ou seja, por que havia elaborado tão mal seu próprio texto. Isso mostra que a coavaliação pode ser um importante instrumento avaliativo para que o discente se torne mais crítico em relação à sua própria aprendizagem, fazendo com que reflita e repense seus erros.

- *Porque produzimos um texto de qualidade e tínhamos consciência de que estaria à altura dos demais.*
- *Nos sentimos seguros porque achamos que temos capacidade de analisar bem um texto e inseguros porque dependendo do pensamento do leitor, podem não compreender a ideia.*



Figura 4. Como você se sentiu sabendo que estava sendo avaliado pelos seus colegas?

Fonte: Pesquisa PIBIC/CNPq/UFU 2009/2010.

- *Nós estamos, já estamos acostumados a ser avaliados. Mas avaliar nossos colegas é um pouco difícil principalmente se for mais que colega, amigo.*
- *Nós não estamos avaliando o dono do texto e sim o texto. Sentimos inseguros porque não sabíamos o que os colegas estavam achando do nosso texto.*
- *Tentamos ser coerentes de acordo com os nossos conhecimentos. Ficamos inseguros diante das diferentes opiniões dos nossos colegas.*

Aqui, tivemos visões bem próximas em relação à visão dos discentes do Ensino Médio ao receber a nota de seu colega. Contudo, nesse âmbito também percebemos que o lado socioafetivo se encontra presente, o que pode gerar insegurança ao receber a nota, pressupondo-se que o grau de companheirismo possa influenciar no momento de avaliar. Dessa forma, é necessária uma conscientização por parte do professor no momento da atividade, mostrando que a avaliação requer uma neutralidade afetiva, mesmo que seja difícil alcançá-la. Não identificar o aluno na atividade para cada um avaliar pode ser uma opção para evitar possível desconforto; para o estudante avaliado, essa situação não seria condicionada pelas relações com os colegas? A dimensão socioafetiva pode “embaralhar” a coavaliação.

Considerações parciais

Como e porque fazer a avaliação dos pares

Depois dessas opiniões, levantamos algumas considerações que julgamos essenciais para a prática da atividade avaliativa dos pares.

Primeiramente, é de extrema importância uma conscientização dos alunos para desvincular a nota do lado socioafetivo, pois eles ainda se encontram muito arraigados a essa representação.

Ademais, temos a importância e a familiarização com o ato avaliativo sistematizado. É necessário que os alunos tomem consciência de que a avaliação dos pares não é tirar a responsabilidade de aprovação ou reprovação que o professor parece ter, mas, sim, dividir, compartilhar, mostrar o processo avaliativo no qual o discente encontra-se inserido, tornando-o crítico e autônomo.

Para isso, esse tipo de avaliação deve gerar um *feedback* positivo, e não constrangimento, ou ser um instrumento para apontar defeitos. Dessa forma, cremos na importância de estabelecer critérios claros, para que todos possam tomá-los como base para avaliar todos. Além disso, como aponta Celso Vasconcelos (2006), quando os critérios são elaborados conjuntamente (professor e aluno), a avaliação torna-se menos subjetiva. Ademais, precisamos deixar claros os objetivos da avaliação e praticá-la centrados em uma atividade específica de forma colaborativa.

No Ensino Superior, especificamente nos cursos de Licenciatura, cremos ser necessário discutir teorias sobre avaliação, pois o discente que não recebe formação adequada sobre o tema acaba repetindo o modo como foi avaliado. Essa falta de formação contribui para não reformularmos os instrumentos avaliativos, repetindo os mesmos instrumentos punitivos, que não enfatizam a aprendizagem.

Referências

- ALDERSON, J. C. The nature of evaluation. Paper presented at the National Seminar on ESP. Embu (SP): [s.n], 1986.
- BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996: estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial da União*, 22 dez. 1996.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília (DF): MEC/SEF, 1997.
- DOMINGUES, R. C. L. et al. Auto-avaliação e avaliação por pares: estratégias para o desenvolvimento profissional do médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 31(2): 173-175, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v31n2/07.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2009.
- CHAMMINGS, E. et al. Auto-évaluation et co-évaluation em EPS: une réponse à l'intention d'autonomie? *Productions Méthodologiques et Thématiques en Education*, n. 1, Juin 2008. Disponível em: <http://web.univ-pau.fr/ENSEIGNEMENT/STAPS/IMG/pdf/Art_08.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2009.
- FELICE, M. I. V. O processo de avaliação formativa no curso de Letras. Projeto de pesquisa. Uberlândia (MG): UFU/ILEEL, 2006.
- HOFFMANN, J. *Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade*. 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- MENDES, J. M. A. *Avaliar para conhecer, examinar para excluir*. Trad. M. S. Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas*. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- RIOS, M. P. G. Avaliação formativa como procedimento de qualificação docente. *Revista E-Curriculum*, v. 1(1), dez./jul. 2005-2006. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/766/76610112.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2011.
- VASCONCELOS, C. *Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar*. 16. ed. São Paulo: Libertad, 2006.